



**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITARIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE ENFERMAGEM**

BARBARA GUERRA OLIVEIRA

**O ATO DE BRINCAR COMO UM INSTRUMENTO PARA A PROMOÇÃO DA
SAÚDE DA CRIANÇA DOENTE**

**NATAL/RN
2012**

BARBARA GUERRA OLIVEIRA

O ATO DE BRINCAR COMO UM INSTRUMENTO PARA A PROMOÇÃO DA
SAÚDE DA CRIANÇA DOENTE

Artigo Científico apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, como requisito para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso - II.

Orientadora: Prof^a Ms. Hérica Paiva Felismino

NATAL/RN
2012

RESUMO

A maioria das pessoas encara a internação hospitalar como uma experiência marcante e desagradável. Para as crianças a internação hospitalar é vista como uma experiência bastante incomoda e na maioria das vezes acompanhada de proibições, medo, dor, ansiedade e lágrimas. A criança se vê afastada de sua vida cotidiana, de seus familiares e amigos, de suas brincadeiras e brinquedos. O presente estudo tem como objetivo evidenciar a importância do brincar para a promoção da saúde infantil dentro dos serviços de saúde. Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Considerando que a brincadeira não deve ser eliminada durante o período da hospitalização, mas sim adaptada para as circunstâncias em que a criança se encontra. A brincadeira, em um ambiente hostil, ajuda a criança a se sentir confortável, possibilitando que ela atenda as solicitações feitas pela equipe de enfermagem facilitando uma melhor aceitação, por exemplo, de procedimentos invasivos. Por conseguinte, obtêm-se uma melhor interação entre a equipe e as crianças doentes. A brincadeira funciona como uma forma de promover o bem estar das crianças, amenizando o impacto da hospitalização. Com isso, conclui-se que o brincar no período da hospitalização contribui ajudando a amenizar os riscos de possíveis traumas. O fato de a criança poder brincar contribui para que a mesma se sinta mais segura em um ambiente desconhecido, cercada por pessoas estranhas. A utilização da brincadeira deve ser encarada como uma forma de tratamento e não apenas uma recreação.

Descritores: Hospitalização infantil; Saúde da criança; Assistência de Enfermagem; Enfermagem pediátrica.

ABSTRACT

Most people see the hospitalization as an unpleasant experience. For children, hospitalization is seen as an experience quite uncomfortable and most often accompanied by prohibitions, fear, pain, anxiety and tears. Children are removed from their everyday lives, their families and friends, their games and toys. The present study aims to highlight the importance of play to promote children's health inside health services. This study is a literature search. Considering that the game should not be eliminated during the period of hospitalization, we believe that should be adapted to the circumstances that the child is. The fun in a hostile environment helps children to feel comfortable, allowing them to respond requests made by the nursing staff making it easier for them to have a better acceptance, for example, of invasive procedures. As a consequence, allows better interaction between staff and the sick children. The fun functions as a way to promote the children's wellbeing, softening the impact of hospitalization. Therefore, it is concluded that playing during hospitalization contributes to helping alleviate the risks of potential traumas. The fact that children can play helps them feel more secure in an unfamiliar environment, surrounded by strangers. The use of play should be seen as a form of treatment, not just a recreation.

Descriptors: Infant Hospitalization; Child Health; Nursing Care; Pediatric Nursing.

INTRODUÇÃO

A primeira infância (de 0 a 6 anos) é um período muito importante para o desenvolvimento mental, emocional e de socialização da criança. É fundamental estimular bem a criança nessa fase, para que ela tenha uma vida saudável e possa desenvolver-se bem na infância, na adolescência e na vida adulta (BRASIL, 2011).

A infância é uma etapa, marcada por intensas atividades de ordem física e biológica. Essas atividades são necessárias para que a criança explore e conheça o ambiente a sua volta, podendo assim crescer normalmente e aprimorar seu conhecimento sobre o mundo. Para que a criança possa passar pela infância sem prejuízos é necessário ter saúde e um desenvolvimento físico e psíquico normal, para tanto faz-se importante o brincar. Porém, no decorrer de seu desenvolvimento, as crianças passam também por períodos de doenças, o que muitas vezes pode ser acompanhado de hospitalização e inibição do ato de brincar (OLIVEIRA; et al. 2009).

O processo de hospitalização é marcante na vida de qualquer ser humano, e principalmente na vida da criança, pois a mesma se encontra fragilizada e impossibilitada de realizar suas atividades normalmente. A hospitalização infantil acaba alterando a rotina diária da criança, como brincar e ir à escola. Estas atividades são necessárias para que a criança possa ir aos poucos explorando e conhecendo o ambiente a sua volta e assim, conseqüentemente, crescendo normalmente e aprimorando seu conhecimento sobre o mundo (OLIVEIRA; et al. 2009).

O brincar é um processo fundamental ao desenvolvimento infantil. É através deste que a criança explora o ambiente e a si mesma, adquirindo novas habilidades (SANTOS; MARQUES; PFEIFER, 2006)

A necessidade de brincar não deve ser eliminada quando as crianças adoecem ou são hospitalizadas, ao contrário, o fato da criança poder brincar desempenha papéis importantes, dentre eles, a capacidade de sentir-se mais segura em um ambiente estranho com pessoas estranhas (SCHMITZ; PICCOLI; VIERA; 2003).

Mitre e Gomes (2004) afirmam que a hospitalização além de afastar a criança de sua vida cotidiana e do ambiente familiar, promove um confronto com a dor, a limitação física e a passividade. Aflorando sentimentos de culpa, punição e medo da morte. Para lidar melhor com essa experiência, é necessário que a criança possa dispor de instrumentos de seu domínio e conhecimento.

Ribeiro; Sabates e Ribeiro (2001) comentam que uma das formas capazes de ajudar a criança a perceber o que está acontecendo é o brinquedo terapêutico (BT), que age como liberador de seus temores e ansiedades e permite a criança revelar o que ela sente e pensa.

Como lembra Viana (2008), o BT é uma técnica usada para aliviar ou diminuir a ansiedade na criança, que esteja ou não hospitalizada, gerada por experiências atípicas para sua idade e que podem ser ameaçadoras, requerendo mais do que o brinquedo recreativo.

Segundo Maria, Guimarães e Ribeiro (2003) citados por Kiche e Almeida (2009) a técnica do BT é de uma forma não direta que deve ser usada sempre que a criança tiver dificuldade em compreender ou lidar com determinada experiência, podendo assim dar a oportunidade da criança descarregar sua tensão ao dramatizar as situações vividas e manusear os instrumentos utilizados ou brinquedos que os representem. O BT também funciona como um auxiliar no preparo da criança para procedimentos.

Acreditando na necessidade e na importância do brincar, Cunha (2007) ressalta que os brinquedos são parceiros silenciosos que desafiam a criança. É preciso haver tempo para eles e espaço que assegure o sossego suficiente para que a criança brinque. A brinquedoteca é esse espaço para favorecer a brincadeira, onde as crianças podem brincar livremente com todo o estímulo a manifestação de suas potencialidades e necessidades lúdicas.

Oliveira; et al. (2009) ressalta que a importância do brincar no hospital, felizmente, vem sendo valorizada, como se pode verificar na Lei no 11.104, de 21 de março de 2005, a qual apresenta a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. De acordo com o Art. 2º considera-se brinquedoteca, para os efeitos

desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.

A resolução do Conselho Federal de Enfermagem – COFEN n. 295/2004, dispõe sobre a utilização da técnica do Brinquedo/Brinquedo Terapêutico pelo Enfermeiro na assistência à criança hospitalizada:

Art. 1º - Compete ao Enfermeiro que atua na área pediátrica, enquanto integrante da equipe multiprofissional de saúde, a utilização da técnica do Brinquedo/Brinquedo Terapêutico, na assistência à criança e família hospitalizadas.

De acordo com Brasil (2011) cada criança é um ser único que deve ser entendido, cuidado e respeitado. Da mesma forma que os adultos, as crianças têm o direito de ter garantida sua dignidade e integridade física, mental e moral.

A criança ao ser hospitalizada demonstra mudanças em sua rotina, ansiedade e medo diante de uma situação estranha e assustadora. Acreditando nisso o brincar nas unidades pediátrica é uma tentativa de transformar e minimizar os danos psicológicos e facilitar o acesso dos profissionais para realizações de procedimento ao longo da internação (Mostra Acadêmica UNIMEP, 2011).

Os profissionais da área da saúde que trabalham em unidades pediátricas devem utilizar o BT como ferramenta fundamental, especialmente no preparo para procedimentos, com o objetivo de propiciar maior aceitação e cooperação das crianças (MARIA; GUIMARÃES, 2003 apud KICHE; ALMEIDA, 2009).

Como benefícios para o uso do BT, Ribeiro; Sabates e Ribeiro (2001) afirmam que o brinquedo é amplamente reconhecido como uma forma de comunicação universal das crianças. Nesse sentido, o BT na assistência de enfermagem à criança ajuda na comunicação durante o preparo, podendo facilitar uma resposta positiva da criança durante um procedimento doloroso.

O interesse no estudo e no aprofundamento da importância do brincar para a promoção da saúde infantil dentro dos serviços de saúde começou após o início das aulas práticas em cenários reais do curso de graduação em Enfermagem, onde foi

observada a falta de comunicação da equipe de enfermagem com as crianças internadas nas unidades hospitalares que eram submetidas a procedimentos. Pôde-se observar o medo estampado em suas faces e o choro. Sabendo que a enfermagem vai além do estado físico do paciente, foi iniciado o estágio voluntário na brinquedoteca do GACC (Grupo de Apoio a Criança com Câncer), onde se observou na prática a promoção da saúde através do brincar.

Portanto, acredita-se que o brincar durante o período da hospitalização e na prestação de serviços a criança, contribui para que a mesma supra suas necessidades de brincar e ao mesmo tempo se sinta mais confortável em um ambiente desconhecido. Para que essas crianças não sofram danos no seu desenvolvimento durante esse período de internação, faz-se necessário uma assistência que supra todas as suas necessidades. Sendo assim, este estudo tem como questão norteadora: qual a importância do brincar para a promoção da saúde infantil dentro dos serviços de saúde?

Para responder a questão proposta este trabalho tem como objetivo principal evidenciar a importância do brincar para a promoção da saúde infantil dentro das unidades de saúde.

MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que na concepção de Fachin (2007) diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras. Tem como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e à produção, coleção, armazenamento, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa.

Para uma melhor descrição e compreensão do estudo proposto seguimos, para sua construção, as orientações de Gil (2004) a partir do delineamento dos passos metodológicos, apresentados, a seguir, em etapas:

Etapas Operacionais do Estudo:

1ª. Etapa: Levantamento do material bibliográfico sobre a temática do trabalho

Nessa primeira etapa, selecionamos materiais referentes ao tema proposto para o desenvolvimento da pesquisa. Como critério de seleção dos artigos utilizados na elaboração do estudo, foram utilizados os seguintes descritores: Hospitalização infantil; Saúde da criança; Assistência de Enfermagem; Enfermagem pediátrica. Com base nestes descritores foram selecionados 37 artigos, publicados entre os anos de 2001 a 2011.

2ª. Etapa: Seleção do material para construção do trabalho

Após a análise do material coletado, foi feita uma seleção, pois nem toda literatura consultada foi utilizada no desenvolvimento da pesquisa. Portanto, nessa etapa, selecionamos criteriosamente, todo o material considerado relevante e pertinente ao objetivo proposto, a partir de uma leitura cuidadosa e minuciosa de cada material consultado foram excluídos 22 artigos e ao final foram escolhidos 15 artigos que, na concepção da autora tinha uma correlação maior com o objetivo do estudo. Posteriormente, extraímos citações diretas e indiretas de acordo com cada tópico explorado e suas respectivas referências, visando facilitar a construção do esboço preliminar da referida pesquisa.

3ª Etapa: Construção preliminar do texto

Para que o estudo atingisse sua concretude construímos um esboço preliminar do texto onde foram selecionadas as seguintes temáticas: A importância do brincar; o brincar para desenvolvimento físico e psicomotor; os danos que a hospitalização causa a criança; a atuação do enfermeiro; e o brincar na hospitalização. Tendo como fio condutor o material previamente selecionado e que, portanto, foi pertinente ao objetivo proposto.

4ª Etapa: Elaboração do relatório final

Nessa etapa procuramos estruturar a pesquisa por tópicos, de acordo com o objetivo proposto, tornando-se possível a construção da redação final do trabalho, considerando sua apresentação de modo claro, objetivo e coerente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

Brincar é uma forma de estimulação para a criança em processo de desenvolvimento. Essa estimulação é vital durante a infância, nos 3 primeiros anos de vida, o cérebro se desenvolve a uma grande velocidade. Experiências negativas e até a ausência de estimulação positiva terão maior chance de causar danos graves e permanentes (FIGUEIREDO, 2003).

A infância é uma etapa da vida caracterizada pela necessidade de brincar. A brincadeira permite à criança vivenciar o lúdico, descobrir a si mesma e aprender a realidade tornando-se capaz de desenvolver seu potencial criativo (SIAULYS, 2005 apud QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006).

A brincadeira é necessária para uma infância saudável e serve de alicerce para formação de um adulto feliz, criativo, equilibrado, aberto para a vida e para as pessoas (FIGUEIREDO, 2003). Para a maioria dos grupos sociais, a brincadeira também é consagrada como atividade essencial para o desenvolvimento infantil (LUCARIELLO, 1995 apud QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006).

Figueiredo (2003, p. 32) afirma que: “o brincar é tão importante para a criança quanto provê-la de boa alimentação, sono tranquilo, ambiente adequado de moradia, segurança, carinho e respeito”.

O BRINCAR PARA DESENVOLVIMENTO FÍSICO E PSICOMOTOR

A criança tem sua brincadeira estruturada com base no que é capaz de fazer em cada fase da vida. Aos seis meses e aos três anos de idade, elas têm diferentes modos de expressão, comunicação e relacionamento com o ambiente no qual se encontra. No decorrer do desenvolvimento, as crianças vão construindo novas e diferentes competências, que irão lhes permitir compreender e atuar de forma mais ampla no mundo. É a partir da brincadeira que a criança constrói sua experiência de se relacionar com o mundo de maneira ativa, vivenciando experiências e tomando decisões. Ela pode optar por brincar ou não, característica importante da brincadeira

que oportuniza o desenvolvimento da autonomia, criatividade e responsabilidade quanto a suas próprias ações (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006).

A criança, desde o nascimento, reconhece e acalma-se com a voz e a presença da mãe. Quando na fase lactente (30 dias a 1 ano), o bebê é estimulado quando mostrado objetos coloridos. Deve-se oferecer brinquedos fáceis de segurar, para a criança pegar/tocar com as mãos. Pode-se brincar com a criança com músicas, fazendo gestos (bater palmas, dar tchau, etc.) e solicitando sua resposta. Quando na fase infante (1 a 3 anos) deve-se oferecer à criança objetos de diversos tamanhos, para que aprenda a encaixar e retirar um objeto do outro, contar pequenas histórias e dar à criança papel e giz de cera para que ela inicie os seus rabiscos. A criança também deve ser estimulada a brincar com outras crianças, deve-se dar oportunidade para ela ter contato com livros infantis, revistas, recortar figuras, brincar com colagem e brincadeiras utilizando bola (BRASIL, 2011).

A criança dos 3 aos 6 anos, pode ser estimulada com a utilização de bonecas, livros ilustrativos, jogos fáceis, quebra-cabeças e canções. Dos 6 aos 10 anos pode-se proporcionar atividades escolares, jogos eletrônicos, livros, dominó, pinturas, desenhos, televisão e brinquedos que envolvam coordenação. Dos 10 aos 14 anos essas crianças podem ser estimuladas através de jogos eletrônicos, livros, jogos de cartas ou damas, dominó, pinturas, desenhos, televisão, brincadeiras interativas e pequenas competições (FIGUEIREDO, 2003).

Segundo Faveiro; et al (2007) é por meio de atividades lúdicas (brinquedos, jogos e brincadeiras), que é oportunizado a criança raciocinar, descobrir, persistir e perseverar; onde elas são capazes de aprender a perder percebendo que haverá novas oportunidades para ganhar, aprendem a esforçar-se e ter paciência, não desistindo de enfrentar os problemas encontrados. Esse e todo aprendizado que a brincadeira permite é fundamental para a formação da criança em todas as etapas de sua vida. Quando é oportunizado o contato e o relacionamento com outras crianças, elas experimentam situações de vida, como de competição, de cooperação, de coragem, de medo, de alegria e de tristeza.

OS DANOS QUE A HOSPITALIZAÇÃO CAUSA A CRIANÇA

Quando adoecem, as crianças ficam mais chorosas e se agarram aos pais. Quando existe a necessidade de uma hospitalização seu quadro emocional piora por encontrar-se afastada de sua casa, dos seus familiares e principalmente, pelos procedimentos médicos e de enfermagem aos quais são submetidas. As crianças internadas são sujeitas a condutas terapêuticas, como visitas de profissionais de saúde, exames, ingestão de medicamentos e situações variadas, entre elas as normas e as rotinas rígidas de horários de alimentação, repouso, impossibilidade de locomover-se, necessidade de colaboração de outras pessoas, entre outras condutas que podem agravar seu estado clínico, sua condição psicológica e social, dificultando a sua adaptação (RANNA, 1988 apud FAVERO; et al. 2007).

Além de se verem afastadas de seu cotidiano, as crianças acabam ficando numa posição de passividade e desconforto que geralmente, na concepção delas, parecem incompreensíveis (JUNQUEIRA, 2003).

Durante o período no ambiente hospitalar nem sempre a criança tem suas necessidades atendidas prontamente, apesar das mães frequentemente estarem presentes e prestarem assistência. No ambiente hospitalar cercadas por pessoas estranhas, luzes acesas dia e noite, sons de aparelhos (bips, alarmes e outros ruídos), instrumentos “apavorantes”, odores quase sempre desconhecidos, adicionado ao fato de sentirem dores e serem submetidas a procedimentos invasivos, levam as crianças ao medo, insegurança e, muitas vezes, a aprender atitudes agressivas e/ou comportamentos regressivos (NEMAN; SOUZA, 2003 apud CASTRO; et al., 2010).

O processo de hospitalização é uma realidade na vida de uma parcela significativa da população infantil. Esse período de internação representa um impacto na história de vida de qualquer indivíduo, especialmente da criança (RANNA, 1988 apud FAVERO; et al., 2007).

Uma das formas encontradas capazes de esclarecer para a criança essa mudança brusca vivenciada por ela é o uso do lúdico (FROTA; et al., 2007).

O campo da pediatria tem como interesse a saúde dos recém-nascidos, crianças e adolescente, o seu crescimento e desenvolvimento e suas oportunidades para alcançar o pleno potencial como adultos. A pediatria emergiu há mais de um

século em resposta à crescente conscientização de que os problemas de saúde da criança são diferentes dos problemas dos adultos, e de que as respostas das crianças às doenças e ao estresse são diferentes de acordo com a sua idade (BEHMAN; KLIEGMAN; JENSON, 2005).

A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO

Pelo fato do enfermeiro e da equipe de enfermagem terem mais contado com a criança, se tornam os mais indicados para observar e encorajar a criança a interagir e expressar seus sentimentos (FIGUEIREIDO, 2003).

Conhecendo as dificuldades enfrentadas pela criança no ambiente hospitalar, a enfermagem precisa se inserir de maneira a tornar o mais agradável possível à estadia da criança. Para que o tratamento seja bem sucedido, é importante o estabelecimento de um vínculo e de confiança da criança com o profissional de saúde. Atitudes sinceras e verdadeiras, respeitando a criança como um indivíduo que têm direitos e deveres, com certeza são fundamentais para o sucesso (MITRE; GOMES, 2004).

Para os profissionais que trabalham na ala da pediatria, um dos maiores desafios encontrados são os procedimentos, que fazem parte da assistência de enfermagem (VIANA, 2008).

Através de um relacionamento seguro e construtivo é possível uma atuação adequada da Enfermagem, podendo ajudar a criança a lidar melhor com suas dificuldades (RANNA, 1988 apud FAVERO; et al., 2007).

Porem, para Jansen, Santos e Favero (2010) a enfermagem foca em atender a demanda de pacientes e só pesam nas necessidades fisiológicas da criança, visando á recuperação de sua saúde, o que acarreta dedicarem pouca ou nenhuma atenção às questões psicológicas e sociais da criança e de sua família. Sabendo disso, faz-se necessário garantir que a equipe de enfermagem da unidade de internação pediátrica tenha subsídios de recursos humanos e materiais, principalmente incentivo por meio de capacitação para que possa atuar de modo que não venha traumatizar a criança sob sua responsabilidade.

É importante instrumentalizar e ensinar a equipe de enfermagem para que conheça os benefícios da prática do cuidar adicionada à terapêutica do brinquedo e para que saibam utilizar a técnica de modo que venha a potencializar os benefícios (JANSEN; SANTOS; FAVERO, 2010).

Para Figueiredo (2003) é essencial que a equipe de enfermagem conheça as fases do desenvolvimento da criança e a realidade social da família para acompanhar com segurança o desenvolvimento. Também se faz necessário que os planejamentos de enfermagem estejam voltados para os cuidados físicos, psicológicos e emocionais.

Ribeiro; Sabates e Ribeiro (2001) afirmam que o BT tem seu uso amplamente preconizado na assistência de enfermagem à criança. Viana (2008) explica que para utilização do BT são necessários brinquedos adaptados para os diferentes procedimentos, fantoches para ajudar a interação com a criança, figuras representativas da família e da equipe de hospitalar e objetos de uso hospitalar. Dentre os procedimentos em que a enfermagem realiza, destacam-se as situações em que poderia ser utilizada a técnica do BT: verificação dos sinais vitais; medidas antropométricas; sondagem gástrica; administração de dieta via sonda gástrica e gastrostomia; lavagem intestinal via retal ou pela colostomia; tratamento e prevenção de úlceras por pressão; administração de medicações; punção venosa; aplicação de compressas; higienização do paciente; verificação de glicemia capilar; cateterismo vesical; instalação de cânula nasal, nebulização e máscara facial; curativos e troca dos mesmos.

Aplicação da técnica do Brinquedo Terapêutico:

Sondagem vesical de demora



Coleta de sangue



Cateter Nasal



Ausculta Cardíaca



Passagem de Sonda Nasoenteral



Administração Via Sonda Nasoenteral



O BRINCAR NA HOSPITALIZAÇÃO

A aplicação do BT deve ser realizada 30 minutos antes dos procedimentos, apresentando e promovendo a aproximação prévia da criança com o material, com o objetivo de proporcionar segurança à criança e ao acompanhante para diminuir a situação de ansiedade durante o procedimento (VIANNA, 2008).

Junqueira (2003) acredita que o brincar deve se inserir no contexto hospitalar como uma tentativa de transformar o ambiente das enfermarias, proporcionando condições psicológicas melhores para as crianças e adolescentes internados.

Para Frota; et al. (2007) a atividade lúdica promove o desenvolvimento psicomotor, cognitivo, social e afetivo da criança, seu uso no ambiente hospitalar proporciona um tratamento mais humanizado. O lúdico contribui para minimizar traumas da doença e da hospitalização permitindo o desenvolvimento e o crescimento saudável da criança. Também ajuda o profissional da saúde fornecendo subsídios para um melhor atendimento da clientela pediátrica.

Pacheco e Bonassi (2010) acreditam que para ter uma brinquedoteca hospitalar, não basta reunir alguns brinquedos em um espaço determinado. Faz-se necessário prever a organização, a manutenção e a reposição destes brinquedos, o que requer tempo, recursos materiais e recursos humanos qualificados para desenvolver esse trabalho.

Para entender o que realmente é brinquedoteca, Cunha (2007) define como sendo um espaço especialmente lúdico, equipado e preparado, que favorece a criança a brincar possibilitando o seu acesso a uma grande variedade de brinquedos. O mesmo também afirma que existem brinquedotecas sem brinquedos, que proporcionam outros estímulos às atividades lúdicas.

Segundo Ramalho e Silva (2003/2004) as brinquedotecas tinham sido criadas para o empréstimo de brinquedos e foram evoluindo de acordo com as necessidades de cada país, e a partir deste crescimento passaram a prestar uma diversidade de serviços.

A finalidade da brinquedoteca hospitalar é de integração da equipe de saúde e da família num trabalho em conjunto que permita a criança e o adolescente, mesmo estando em um ambiente hospitalar, ter acesso a atividades com brinquedos e brincadeiras. Procura-se assim, proporcionar ao ambiente hospitalar um local descontraído e menos triste através de jogos e brincadeiras que possam auxiliar no desenvolvimento das habilidades conforme as necessidades das crianças que estão internadas, buscando sempre uma forma mais humana de atendimento, vendo a criança e o adolescente e não apenas a doença. O ambiente da brinquedoteca contribui para melhorar a permanência da criança no hospital (ABREU; FAGUNDES, 2010).

Como benefícios da utilização do brinquedo Jansen, Santos e Favero (2010) afirmam que ocorre uma melhor compreensão por parte das crianças quanto aos cuidados a serem realizados e melhora o relacionamento entre a equipe de enfermagem e a criança.

Castro et al. (2010) afirma que atividades lúdicas durante a hospitalização promove a melhora do humor, favorece a distração, diminui a ansiedade e o choro, aumenta o apetite e melhora a adesão ao tratamento. Como consequência a todos

esses fatores, ocorre uma modificação fisiológica favorecendo o aumento da imunidade da criança, o que implica na melhora global. Com isso, é sugerido que tais atividades sejam desenvolvidas de forma orientada, sempre visando o bem-estar da criança e respeitando os protocolos médicos.

De acordo com a literatura apresentada neste trabalho, a LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dá outras providências, reforça e decreta que:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade:

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

IV - brincar, praticar esportes e divertir-se;

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Já na LEI Nº 11.104, DE 21 DE MARÇO DE 2005, que dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação, decreta que:

Art. 1º Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Art. 2º Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.

Art. 3º A inobservância do disposto no art. 1º desta Lei configura infração à legislação sanitária federal e sujeita seus infratores às penalidades previstas no inciso II do art. 10 da Lei nº 6.437, de 20 de agosto de 1977.

Sabe-se que na realidade existem muitas dificuldades que impedem na organização da terapia recreacional, como por exemplo, a falta de recursos humanos e materiais, porém essas dificuldades não devem servir de empecilhos que justifique a privação da utilização do brincar nas unidades de saúde, do direito que a criança tem de brincar e de receber um cuidado mais humano.

CONCLUSÃO

O brincar é fundamental na infância, pois auxilia no seu desenvolvimento. É essencial que a criança seja estimulada em qualquer fase do seu desenvolvimento, para isso faz-se necessário a brincadeira. As mudanças do comportamento da criança são notórias, quando é estimulada a brincar. A promoção do brincar nas unidades de saúde que trabalham com clientela pediátrica, pode facilitar para que o indivíduo passe por esse período de doença sem acarretar danos a sua integridade física e moral, ou seja, para que o mesmo não venha a ter em sua experiência uma fase traumática. O brincar nesses ambientes também funciona de modo a melhorar o estado em que se encontra a criança e a desenvolver um melhor relacionamento com o meio que a cerca, pois colabora para aliviar a ansiedade e o medo, desencadeados de situações de desconforto vivenciadas pela criança durante sua experiência.

O enfermeiro e a equipe de enfermagem, principais participantes da assistência, são os responsáveis por promoverem estímulos a esses clientes, por serem os profissionais que tem o contato direto e por maior período de tempo com essas crianças. Esses profissionais devem trabalhar oferecendo a criança um ambiente confortável e favorável, onde se possa brincar nas condições em que a mesma se encontra. Podendo assim acelerar o processo de recuperação. Dessa forma, a equipe de enfermagem deve agir como facilitadora do bem estar físico, mental e social da criança, usando a brincadeira como principal instrumento de trabalho.

A principal forma de estabelecer um relacionamento com a criança é com a utilização do brinquedo terapêutico. Quando o enfermeiro trabalha com o brincar permite o estabelecimento de uma relação baseada na confiança, favorecendo que as crianças expressem seus sentimentos em relação aos procedimentos e as dificuldades encontradas, fazendo com que se sintam mais seguras e menos ansiosas, ajudando na participação e motivação da criança. Entre outros benefícios da utilização do brinquedo, destacam-se a melhor compreensão das crianças quanto aos cuidados a serem realizados, a diminuição do estresse causado pela mudança do ambiente, a melhora do humor, favorece a distração, diminuem a ansiedade e o choro, aumentam o apetite e melhoram a adesão ao tratamento. Contribuindo para a

recuperação da criança frente à sua condição, promovendo um cuidar mais humano e mudando a crença de que o hospital é simplesmente um ambiente invasivo e agressivo.

A criança quando enfrenta experiências dolorosas e desagradáveis necessita do apoio de todos que a assistem. Portanto, é necessário o envolvimento de todos no processo do cuidar da criança. Cabe aos enfermeiros incentivar sua equipe sobre a importância da atividade para a recuperação das crianças e discutir novas ideias, novos brinquedos adaptados e novas brincadeiras. Podendo assim levar até a realização do principal objetivo da profissão, que é o de assistir com qualidade os clientes, para que se tornem pessoas saudáveis e felizes. O brincar deve fazer parte das intervenções de enfermagem para a criança, devendo ser incluído como rotina diária da unidade pediátrica. Devemos sempre lembrar que a utilização da brincadeira deve ser encarada como uma forma de tratamento e não apenas uma recreação. É essencial que os enfermeiros e os futuros enfermeiros, os acadêmicos de enfermagem, tenham consciência do assunto em questão para então realizarem mudanças e adaptações para melhorarem a assistência prestada a criança, compreendendo a importância de seu papel nessa atividade, pois sem o uso correto os brinquedos terapêuticos passam a brinquedos comuns e o brincar como instrumento de cuidar, passa a recreação sem um objetivo maior.

Contudo, esse trabalho se faz importante para a enfermagem e para o público em geral, pois o mesmo faz com que compreendam a necessidade que a criança tem de brincar e como esse brincar deve ser utilizado de uma maneira positiva possibilitando a melhora do quadro das crianças doentes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Simone Aparecida Kraus; FAGUNDES, Elizabeth Macedo. Brinquedoteca Hospitalar: Sua influencia na recuperação da criança hospitalizada. **Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**. v. 02, ed. 01, Jun, p. 32-49, 2010.
- BEHMAN, R. E.; KLIEGMAN, R. M.; JENSON, H. B. Nelson, **Tratado de Pediatria**. Rio de Janeiro: Elsevier, 17. ed., 2005. 1275 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Caderneta do Ministério da Saúde**. 7. ed. Brasília, 2011.
- BRASIL. Presidência da República. LEI Nº 11.104 dispõe sobre a obrigatoriedade de brinquedotecas em hospitais com internação pediátrica. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm> acesso em 06 de junho de 2012.
- BRASIL. Presidência da Republica. LEI Nº 8.069 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> acesso em 06 de junho de 2012.
- CASTRO, Dayene Pereira; et. al. Brincar como instrumento terapêutico, **Pediatria**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 246-254, 2010.
- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução COFEN - 295/2004. Dispõe sobre a utilização da técnica do Brinquedo/Brinquedo Terapêutico pelo Enfermeiro na assistência à criança hospitalizada. Disponível em: <http://novo.portalcofen.gov.br/resoluco-cofen-2952004_4331.html> acesso em 20 de junho de 2012.
- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução COFEN - 311/2007. Aprova o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem e dá outras providências. Disponível em: <http://site.portalcofen.gov.br/sites/default/files/resolucao_311_anexo.pdf> acesso em 16 de junho de 2012.
- CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca**: Um mergulho no brincar. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2007.130 p.
- FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
- FAVERO, Luciane; et al. A Promoção do Brincar no Contexto da Hospitalização Infantil como Ação de Enfermagem: Relato de Experiência. **Cogitare Enferm**; v. 12, n. 4, p. 519-524, Out/Dez, 2007.
- FIGUEIREDO, N. M. A. (Org.) **Praticas de Enfermagem**: Ensinando a cuidar da criança. São Paulo: Yendis Editora S.A., 2003. 397p.

FROTA, Mirna Albuquerque; et. al. O Lúdico como Instrumento Facilitador na Humanização do Cuidado de Crianças Hospitalizadas. **Cogitare Enferm.** Jan/Mar; v. 12, n. 1, p. 69-75, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

JANSEN, M. F.; SANTOS, R. M.; FAVERO, L. Benefícios da utilização do brinquedo durante o cuidado de enfermagem prestado à criança hospitalizada. **Rev. Gaúcha Enferm.** Porto Alegre (RS), v. 31, n. 2, p. 247-253, Jun, 2010.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro da Silva. A mãe, seu filho hospitalizado e o brincar: Um relato de experiência. **Estudos de Psicologia.** v. 8, n. 1, p. 193-197, 2003.

KICHE, Mariana Toni; ALMEIDA, Fabiane de Amorim. Brinquedo terapêutico: estratégia de alívio da dor e tensão durante o curativo cirúrgico em crianças. **Acta Paul Enf.**, v. 22, n. 2, p.125-130, 2009.

MITRE, Rosa Maria de Araújo; GOMES, Romeu. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde, **Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p.147-154, 2004.

Mostra Acadêmica UNIMEP, 9., 2011, Piracicaba, **A Importância Terapêutica da Brinquedoteca no Restabelecimento de Pacientes na Pediatria.** 4p.

OLIVEIRA, Lecila Duarte Barbosa; et. al. A Brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: Relato de experiência. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolvimento Hum.** Brasília, v. 19, n. 2, p. 306-312, 2009.

PACHECO, Bárbara Guimarães; BONASSI, Silvia Maria. Reflexões Acerca da Implantação e Funcionamento de uma Brinquedoteca no Ambito Hospitalar. **An. Sciencult. Paranaíba**, v. 2, n. 1, p. 57-65, 2010.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: Um Olhar Sociocultural Construtivista. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006.

RAMALHO, Márcia Regina de Borja; SILVA, Chirley Cristiane Mineiro. A Brinquedoteca. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 8/9, p. 27, 2003/2004.

RIBEIRO, Patrícia de Jesus; SABATES, Ana Llonch; RIBEIRO, Circéa Amalia. Utilização do brinquedo terapêutico, como um instrumento de intervenção de enfermagem, no preparo de crianças submetidas à coleta de sangue. **Rev. Esc. Enferm.** São Paulo, v. 35, n. 4, p. 420-428, 2001.

SANTOS, Camila A.; MARQUES, Eliana M.; PFEIFER, Luzia Iara. A Brinquedoteca sob a visão da Terapia Ocupacional: Diferentes contextos. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar.** São Paulo, v. 14, n. 2, p. 91-102, 2006.

SCHMITZ, S. M.; PICCOLI, M.; VIERA, C. S. A utilização do brinquedo terapêutico na visita pré-operatória de enfermagem à criança. **Revista Eletrônica de Enfermagem.** São Paulo, v. 5, n. 2, p. 14-23, 2003.

VIANA, Dirce Laplaca, et al. **Manual de Procedimentos em Pediatria**. 1. ed. São Paulo: Yendis Editora, 2008. 538 p.